

“CANTA QUE O CORPO TRANSPASSA O TEMPO E NOS FAZ RESISTIR”: Concepções de ancestralidade e identidade em narrativas audiovisuais indígenas

Kally Cassiani Costa Trevisan², Prof^a Dra^a Luisa Tombini Wittmann³

¹ Vinculada ao projeto “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani”

² Bacharel em História pela FAED/UDESC, teve bolsa PROBIC-AF

³ Orientadora, Departamento de História FAED-UDESC

O projeto de pesquisa “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani” está vinculado ao AYA Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais. Através de análises das obras audiovisuais produzidas por pessoas indígenas (ou em colaboração com povos originários), o objetivo desta pesquisa é compreender concepções desses povos acerca de suas existências e lutas, bem como compreender como os recursos audiovisuais são utilizados por essas populações para narrar suas próprias histórias. A utilização do audiovisual vem se tornando cada vez mais frequente entre pessoas indígenas e por esse motivo se transforma em uma ferramenta de luta contra a colonialidade. Foi possível observar também que o audiovisual contempla os modos de narrar dos povos indígenas, pautados na oralidade das comunidades indígenas de diferentes povos, que garante a transmissão de conhecimentos entre gerações ao longo de muitos séculos. A pesquisa se debruçou sobre a análise de audiovisuais dos guarani-mbyá e dos laklãnõ-xokleng, expandindo para outros povos conforme demandas que interligam a pesquisa e a extensão no âmbito do AYA Laboratório.

Devido às demandas acadêmicas atreladas à pesquisa, foi possível expandir as análises para obras produzidas por outros povos, como os Guajajara, através de filmes lançados no YouTube e na plataforma Vídeo Nas Aldeias, com a qual já trabalhamos desde o início da pesquisa. Foram analisadas cenas do filme documental “*Quem é Kaê Guajajara?*” (2020), produzido e lançado pelo selo indígena e independente Azuruhu. O filme conta a história da multi-artista indígena Kaê, de ancestralidade guajajara, a fuga de sua família das terras não demarcadas que eram constantemente invadidas e a vida na cidade. Através de análises das cenas e a partir do aporte teórico e metodológico decolonial, ancorado especialmente no diálogo com a intelectualidade indígena, foi possível perceber que as práticas tradicionais que se mantêm através dos tempos são as grandes fortalecedoras da identidade indígena reivindicada por estas pessoas em contexto urbano. A necessidade dessa reivindicação identitária é resultado exatamente do apagamento cultural e histórico dessas populações, que lutam hoje para serem vistas nos mais diferentes âmbitos, provando que estão vivos e produzindo arte, ciência e cultura.

Nas cenas analisadas e através da pesquisa bibliográfica, foi possível compreender que, para pessoas indígenas, exercer sua cultura e modo de vida (seja nas cidades, favelas ou aldeias) são práticas que trazem força, libertação e resiliência para seguir em frente. No audiovisual analisado, a protagonista incorpora essas práticas tradicionais no dia-a-dia, por mais acelerado que o ritmo capitalista da cidade seja. Portanto, é através dessas práticas que sua força se renova e ela é capaz de seguir “re-existindo” e lutando por direitos e territórios. Através de estéticas disruptivas, Kaê Guajajara dá novos significados às imagens que ela utiliza para contar a história de sua família e a luta da qual ela faz parte nos coletivos em que atua.



Figura 1. Cenas do filme *“Quem é Kaê Guajajara?”* (2020).

Palavras-chave: História Indígena, Cinema Indígena, Decolonialidade.